



# *SANDRAMARACORAZZA*

obra, vidas etc.



Copyright © 2022 Dos Autores.

Capa e projeto gráfico: Fabiano Neu.

Imagem de capa: *Salamandra*, baseada em *Fire Salamander*, de Night-Owl8.

Diagramação: TAI Design.

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

S219

Sandramaracorazza: obra, vidas etc. / Julio Groppa Aquino, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Paola Zordan (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

1092 p.

ISBN 978-65-5973-091-9

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Sandra Mara Corazza I. Aquino, Julio Groppa II. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de III. Zordan, Paola IV. Título.

CDU: 929

---

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

# *SANDRAMARACORAZZA*

obra, vidas etc.

JULIO GROPPA AQUINO  
CLAUDIA REGINA RODRIGUES DE CARVALHO  
PAOLA ZORDAN  
(orgs.)



PORTO ALEGRE

2022

# O QUE FAZ GAGUEJAR A LINGUAGEM DA ESCOLA:<sup>209</sup> texto feito sobre outros textos

Daniele Noal Gai<sup>210</sup>

— “o trabalho do texto é feito sempre sobre outros textos”  
(CORAZZA, 2000, p. 96).

— a convivência com sandra era uma aventura, estar com os textos, os artigos, os escritos de corazza, sempre foi, e será, uma aventura mobilizadora para mim — aquelas/es que a leram e a conheceram escutam seu timbre, aquelas/es que a lerão adiante confirmarão o que digo, pois sentirão a tontura, um certo devaneio, um giro aventureiro, de uma boa leitura.

— a maria idalina krause de campos em uma oficina do escreituras fazia uma comparação dos textos de deleuze com a cachaça, digo que os de corazza também embriagam -- ainda que não conheçamos o sabor da bebida alcoólica, certamente sabemos da sensação de enlevo, entusiasmo, torpor, ânimo, vício etc.

— registro que este texto é sobre a sua obra e não sobre o que corazza furou e fez vazar em muitas de nós, colegas, alunas, alunes — porém, trago algumas pessoas, citando-as ao longo da escrita, conforme as memórias as traziam para perto de mim e de corazza.

---

<sup>209</sup> O que faz gaguejar a linguagem da escola. In: CANDAU, Vera Maria. (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 89-103.

<sup>210</sup> Educadora Especial UFSM. Docente da Faculdade de Educação UFRGS. Líder do Projeto Geringonça [pedagogias da diferença. ecologias da vida] UFRGS. Coordenadora da pesquisa-extensão Entre Artesanias da Diferença UFRGS e UEM/AM.

— informo que escrevo na roda de pessoas vestidas de branco e sandra vestida de preto — contudo, eu sou a escritã de uma parte desta obra para sandra mara corazza, deste novo texto ou destes outros textos.

— a forma e as citações que compõem este texto para a sandra estão sob a ordem procedimental da leitura do seguinte texto dela: “o que faz gaguejar a linguagem da escola” (CORAZZA, 2000).

— não consegui acessar o livro físico do qual este texto de corazza faz parte, o texto foi escaneado, o recebi junto a outros que abri, após clicar em um link que recebi por email — isso devido a estarmos em meio a pandemia da covid-19 e sem acesso aos contatos, lugares públicos e mesmo à universidade e suas bibliotecas — assim, estamos com saudades de todas/es.

— cuidadosos com a obra de sandra foram os organizadores desta obra, ofereceram-me o arquivo 58 de inúmeros textos que sandra mara corazza escreveu um a um em sua vida de professora pesquisadora — assim, trata-se do texto trabalhado com o texto, o número 58, de um arquivo minuciosamente desenhado.

— texto lido, depois copiado para o caderno de estudos e pesquisa, posteriormente digitado, finalmente composto com apontamentos, procedimentos, memórias etc — inicialmente, artesanio conjunto de anotações, riscos com canetas coloridas — posteriormente, texto discutido em aulas de estágio docentes, folheado, ainda que escaneado, virtualmente remexido, e deixado de lado nas férias — defino as citações e as coloco em destaque neste texto — sugiro que as releiam pensando no ano de sua publicação, ano 2000 e também neste ano, na guerra de 2021.

— sem vergonha, admiração e com lágrimas, trouxe para este texto, no encerramento de meus apontamentos, as afirmações da memória com rostos, salas cheias, imagens, livros, a breve história juntas — e o pouco que testemunhei dessa autora, que “arde de doce”, como diz a música de chico César.

*Para viver em estado de poesia  
Me entranbaria nestes sertões de você  
Para deixar a vida que eu vivia  
De cigania antes de te conhecer  
De enganos livres que eu tinha porque queria  
Por não saber  
Que mais dia, menos dia  
Eu todo me encantaria pelo todo do teu ser  
Pra misturar meia noite e meio dia  
E enfim saber que cantaria a cantoria  
Que há tanto tempo queria  
A canção do bem querer*

*É belo, vês o amor sem anestesia  
Dói de bom, arde de doce  
Queima, acalma  
Mata e cria  
Chega tem vez que a pessoa que enamora  
Se pega e chora do que ontem mesmo ria  
Chega tem hora que ri de dentro pra fora  
Não fica, nem vai embora  
É o estado de poesia  
(Chico César – Estado de Poesia)*

— a seguir, primeiramente, registro citações acerca da escola, tal como sandra escreveu no texto publicado no 2000 -- após, elenco as citações sobre o decálogo, criado por corazza, para um possível diagnóstico da gagueira da linguagem da escola

— na sequência, aparece a escola ao gaguejar, uma escola a gaguejar, a escola na pandemia da covid-19

— e ao finalizar este texto, registro o vivo sem edições e com ecos: a vida em meio ao projeto escrituras, atualmente metamorfoseado na rede escrituras, e ao DIF.

## ESCOLA | ESMOLA | ESTOLA | ESFOLA | ESSENCIALISTA

(CORAZZA, p. 90, 2000) — “a escola pratica uma linguagem naturalista, essencialista”.

(CORAZZA, p. 90, 2000) — “a escola acredita que a sua linguagem descreve a realidade tal como a realidade é”.

(CORAZZA, p. 91, 2000) — “a linguagem da escola é, por isto, um sistema fechado e estável. Nela, não há circulação permanente de significações”.

(CORAZZA, p. 91, 2000) — “a linguagem da escola naturaliza a realidade social, fazendo com que esta pareça tão inocente e imutável quanto a própria ideia que faz de ‘natureza’”.

(CORAZZA, p. 99, 2000) — “foi tal prática de linguagem que contribuiu para criar esta realidade de agora, produzida em condições históricas e políticas de governamentalização liberal e de capitalismo. Foi ela que, na Educação, produziu conteúdos, metodologias, técnicas, avaliações, planejamentos, que o que fizeram, no século XX, foi educar sujeitos que puseram os fornos de Auschwitz a funcionar. Que desfolharam a “rosa vermelha” de Hiroshima. Que patrocinaram as duas grandes Guerras mundiais, a Guerra Fria, a da Coréia, a do Vietnã... E, que, hoje, nestes tempos de capitalismo tardio e de globalização excludente, fazem guerras civis e étnicas de extermínio, em que a grande massa dos refugiados vai perdendo suas crianças e velhos/as, pelos caminhos sem voltas”.

## DECÁLOGO: PARA REALIZAR O DIAGNÓSTICO DA GAGUEIRA DA LINGUAGEM DA ESCOLA

1 – (CORAZZA, p. 94, 2000) -- “agudizamos a crítica à modernidade”. “auxiliamos no processo de erosão de suas categorias, até então inquestionadas, como as de ideologia, ciência, verdade, revolução, democracia, alteridade, cidadania”

2 – (CORAZZA, p. 95, 2000) — “somos anti-disciplinares, pós-disciplinares. Usamos a bricolagem de todos os saberes e metodologias que sejam úteis para nossos trabalhos. Neles, servimo-nos do que nos serve”.

3 – (CORAZZA, p. 95, 2000) — “examinamos práticas, dispositivos, ditos. Libertos da exclusividade da “classe”, discutimos também questões de subjetividade, diferença, significação, representação, cultura, deslocamentos espaciais e geográficos, ecologia, relações de poder-saber, ética”.

4 – (CORAZZA, p. 96, 2000) — “não temos mais a responsabilidade imensa de prescrever”. “não oferecemos garantias de ‘cientificidade’”. “trabalhamos como intelectuais específicos, que fornecem instrumentos de análise do presente, incluindo seus próprios dizeres e fazeres”.

5 – (CORAZZA, p. 96, 2000) — “o trabalho do texto é feito sempre sobre outros textos. Por isso, operamos com a ‘intertextualidade’”. “Descentramos o autor, como autoridade da verdade, mergulhando-o nas regularidades discursivas de seu tempo”. “Cada texto é levado a termo por quem o escreve e por quem o lê”

6 – (CORAZZA, p. 96, 2000) — “forçamos a atenção para o processo construcionista de nossa própria linguagem e discurso”. “Incorporamos o avesso do sentido manifesto, o inconsciente, o inacessível. Sabemos que falamos uma linguagem diferente da que cremos falar. Que ignoramos os motivos pelos quais agimos. E que os efeitos de nossos atos e fala escapam a todas as ‘boas intenções’ iniciais”.

7 – (CORAZZA, p. 97, 2000) — “um sujeito que não pode falar, sem estar referido às formações discursivas de seu tempo. Sabemos que, se sobrou alguma estrutura, em tal sujeito, é sua falta de ser, buraco, hiância, simples virtua-



lidade, efeito de significante, ausência nunca presente a si. Um ser que foge, sempre, do Entre”.

8 – (CORAZZA, p. 97, 2000) — “não estamos cingidas/os por uma ciência unitária do humano, advinda dos paradigmas holísticos do marxismo clássico, do estruturalismo cientificista, da fenomenologia, do humanismo. Fazemos a crítica do sujeito cartesiano, plenamente consciente e autocognoscível”.

9 – (CORAZZA, p. 97, 2000) — “vemos e falamos de uma aluna de escola pública, da periferia urbana, não apenas como integrante da classe explorada. Mas também como uma menina, branca, heterossexual, imigrante, auxiliar de supermercado, católica etc. Nós a consideramos uma linguajadora de muitas linguagens. Ocupante de múltiplas posições discursivas. Constituída por discursos, simultaneamente diferentes, e, às vezes, sobrepostos, ou conflitantes”.

10 – (CORAZZA, p. 98, 2000) — “recusamos nossa individualidade. Não queremos mais saber quem somos. Preferimos nos desprender de quem somos. Promovemos novas formas de subjetividade, através da recusa da individualidade, que nos foi imposta por muito tempo. Contabilizamos quanto custou ser o que somos. Calculamos o preço que pagamos para dizer a verdade sobre nós mesmas/os”.

#### PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: A ESCOLA GAGUEJA?

— sandra ao escrever o texto original, de onde retiro e digito as citações aqui apresentadas, comenta os movimentos da história, faz uma crítica à modernidade -- ela faz apontamento sobre os desdobramentos potenciais da virada feminista, dos movimentos pela ecologia e outros.

— o que faz gaguejar a linguagem da escola a ponto de não se comunicar ou não deixar que a comunicação por suas

variadas possibilidades aconteça? -- o que faz gaguejar a linguagem da escola... — a escola gagueja quando? — pode ser potencial a escola que gagueja, fala espaçadamente, repete sílabas, sem exatidão?

— escola gaguejando, sem a flecha certa da correção e da língua normativa e culta? — uma escola com deficiência e em processo de ser o que pode ser gaguejando? -- faço perguntas para pensar e gaguejar, não há romantismo, tampouco capacitismo.

— promover o gaguejar, para talvez produzir a escrita com corazza -- a escrita do texto com o texto, que advém do trabalho no texto. — como escrever com, para provocar o pensamento a pensar — escrever com para que a vida e suas esquizices (esquisitices e turnos esquizos) possam contingencialmente seguir.

— uma escrita corazziana, que denuncia e problematiza a escola, atual no ano 2000, e no ano 2021 — a escrita corazza pulsa — e encarar o texto citado aqui é como preparar a face ao soco

— uma dentre tantas maneiras da sandra escrever — aafiando e mirando o conservadorismo, diretiva e violentando o senso comum — a escola não sabe outros linguajares — a escola não reconhece linguajadores e linguajadoras.

— por mais: linguajar, linguajares, línguas, comunicação, comunicar-se, conversa, diálogo, interação, interlocução, intertextualidade, errância, zigzagues, braços, sinais, gestos..

— do impensável, do indizível, dos silêncios, dos espaçamentos entre sons, dos que demoram, dos que param, dos que nem tem deficiência, que nem se quer sofrem a exclusão por gaguejarem.

— a escola não sabe os linguajares daquelas pessoas com deficiência, ainda que deixem-nas conviver ou figurar nos

espaços escolares — a escola repudia a linguagem da loucura por ser escutação, vozes, estilo, fluxo, variação, sem formas... -- a escola não reconhece o inaudível — quando a escola encontra o inaudível quer interpretá-lo e diagnosticá-lo sob a ótica biomédica.

— o estranho, o reluzente, o colorido, as artes, são potência para a criação de uma escola e em uma escola — a escola é um lugar para refúgio e para fugas — a mobilidade, relações e o agir são impreteríveis — a escola pode ser importante refúgio para várias línguas.

#### 2021, ESCOLA ONLINE, AULAS REMOTAS: A ESCOLA GAGUEJA?

— em 2020 iniciamos um distanciamento dos corpos, que dura em 2021-- a pandemia da covid-19 nos confina — o coronavírus leva milhares e milhares à morte; genocídio!

— nos isolamos pelo risco da contaminação, do contato, do encontro, do outro, dos outros, da aglomeração, da sala de aula, do salão de atos, do seminário do ppgedu (programa de pós-graduação em educação), do pátio da faced em dias de ato pela democracia.

— a cortina de fumaça esconde de tudo — existe e vigora uma moral do bem que produz apenas o mal — sem bom mocismo, sem desejo de bem e bondade; não nos cabe — é notória a crueldade, a maldade, o fascismo dos discursos; avessos aos nossos!

— a escola na pandemia? -- e os escolares nesta pandemia que os isola e os afasta da escola? — e a escola pensada para além dos corpos e de seus encontros? — e a escola que passa a ser virtual? -- a escola é virtual, a aula é online e o que fica offline? — e nós que nos dedicamos a uma didáti-

ca da criação? — e aqueles que pensam um currículo com aberturas e furinhos para fazer vaziar e fugir? — a escola das fugas? — qual o lugar da escola hoje? — onde ela está afinal? — para quem a escola?

— a escola com numa pandemia se inscreve no sem lugar? — escola! não comércio, não indústria, nem firma, nem empresa, nem youtube, tampouco instagram.

— a escola na pandemia escapou à captura? — a escola na pandemia escapou da aula? — a escola durante a pandemia da covid-19, com o necessário isolamento social, afastou as crianças da disciplina? — a escola escapou das avaliações, da frequência, da presença, de bater o ponto, de alinhar cadeiras e carteiras? — a escola ocupou a janela, enfim, fez as suas redes, inclusive — a escola na pandemia fugiu dos índices, das avaliações, das métricas, das comparações, dos ranqueamentos nacionais — a escola sem lugar, sem estrutura, sem contorno, sem a linguagem da fixidez?

— qual é o lugar da/na diferença? — a escola vive pelo que nela sobrevive? — a escola fala apenas a sua língua? — a escola acontece quando e com linguagens, agenciamentos, corpos, documentos, didáticas, currículos — a docência acontece quando agenciamos linguagens, corpos, documentos, didáticas, currículos.

— escolares, crianças, explodam o sistema de ensino — diria deleuze, guattari, foucault e corazza.

#### PARA ENTRAR EM UMA OUTRA RELAÇÃO (OU PARA FALAR COM O VIVO SEM EDIÇÕES)

— arquivo com os seus: sons, grifos, textos, artigos, livros, pesquisas, escrituras, artistagens, escreteiras, composições, aulas, sonhos em educação...

— reuniram-se aquelas/es que povoavam suas aulas, circulavam suas letras e sublinharam suas escritas, para fazer furinhos nas linhas e nesse arquivo.

— a minha parte nesta obra, e provocação para este texto, é referir a sua escrita, publicada no início exato dos anos 2000.

— o ano de meu ingresso na licenciatura em educação especial, início da licenciatura com a deficiência e com a loucura.

— e sandra em 2000 já escrevia o que mudaria a minha relação com a docência pesquisadora somente por volta do ano de 2006.

— as leituras de corazza atravessavam meus planejamentos, minhas partilhas, meus encontros e invenções, com orientandas e estagiárias de educação especial, como professora substituta na ufsm (2008): tásia wisch, patrícia graff, daniela medeiros etc.

— quando eu cursava os mestrados ao mesmo tempo na ufsm (com marilda oliveira de oliveira) e na ufrgs (com hugo otto beyer) e produzia uma escrita escabelada para não ser aprovada no doutorado com sandra em 2009, período em que conheci um pesquisador amigo morador nômade de santa maria/rs, o eduardo pacheco

— com aquela banca de gente vestida de branco e a sandra de preto é que fiz a prova do processo seletivo para o doutorado, nem sabia que estava gestando a minha primeira filha, a Estrela.

— atravessei a transamazônica com os livros de corazza, outros poucos livros sobre desenvolvimento da criança, outros sobre aprendizagem, escassos deleuze, didi-huberman, nietzsche, kafka, dostoiévski, que compuseram as minhas aulas entre os diversos territórios e fluidez das águas do pará, incluindo a ufpa.

— compartilhei a docência breve e mobilizadora na ufpa, com uma pesquisadora com passagem pelo DIF, a gilcilene dias da costa, antes de ser aprovada nesse concurso, reprovei em outro processo seletivo, com nota baixíssima, e lembro que citava anti-édipo (deleuze e guattari) e artistagens (corazza) na prova.

— conheci pessoalmente a corazza no ano de 2011, através das bancas de apresentação de teses e dissertações, também dos seminários no ppgedu, e do projeto escrituras, pelas mãos e olhos de luciano bedin da costa.

— a partir de nosso encontro no escrituras produzi inúmeras redes acadêmicas, experimentais, artísticas, na vida, e entre as boas companhias destaco: anderson luiz de souza, larisa bandeira, samira abdalalah.

— a partir de nosso encontro no escrituras eu e wagner ferraz criamos o parafernália [coisas sem cabimentos por não caber]; com elisandro rodrigues criamos o atelier crianceiro.

— pouco tempo depois, após defender a tese ética do brincar, iniciamos o projeto geringonça e vieram para as artesanias as estudantes de pedagogia da ufrgs, aline miranda brito, victória kroth e outras.

— colocamos em movimento a bienal do jogo e educação, e atualmente estudamos corazza, e outras pesquisadoras, no entre artesanias da diferença, nesses tenho a companhia da aline milena de castro matos.

— nunca neguei que a seguia, flertava, lia, combatia e questionava -- era uma troca, sem preços nem pesos.

— sandra sabia, me sabia, sabia muito de quem lhe mobilizava, sabe-se lá por qual motivo.

— não fui orientanda de pós-doutorado e não atuo na lp (linha de pesquisa), coleciono suas cartas de aceite e disposição para tanto.

— recebi suas mensagens de impulso, reprovação, deslumbre, inclusive o palavrão: eu te amo.

— fui aluna de sandra durante o meu doutoramento, aloucadamente escrivã de suas aulas e gestante, sobre minha gestação trocamos algumas palavras e sandra se mostrava sensível à chegada do Frederico.

— fui aluna da sua mais genial e leal parceira, a paola zordan, a primeira leitora deste meu texto, e intuo que de muitos textos de autoria de sandra.

— frequentei o grupo de pesquisa, o DIF, o Escriteiras.

— tive acesso livre à chave da porta da sala do DIF na faced, para usar a grande sala de reuniões, para as minhas aulas, reuniões de grupos de estudos, orientações, extensão, pesquisa.

— quem lá naquela sala chegava perguntava sobre coraza, a mim cabia somente mostrar as obras, os cartazes, os quadros, as teses e as dissertações, com os mais variados moldes, que ficam expostas como se estivessem em vitrine.

— por minhas esquizices afastei-me inúmeras vezes, sandra encontrava-me, pinçou-me para isto ou aquilo, aceitando fugas.

— compartilhei a docência na faced (faculdade de educação) como colega, ela professora vinculada ao dec (departamento de ensino e currículo) e eu entre o debas (departamento de estudos básicos) e atualmente no dee (departamento de estudos especializados).

— vivemos greves, salão de atos da faced lotado de grevistas, mãos e braços votando princípios para a carreira docente, todos esperavam sua voz, o que sandra anotara em seu caderno escabelado e colorido de *post-it* — numa dessas brigamos, e sei que doeu muito mais na sandra do que em mim.

— sempre feliz com sandra na faced, ainda que, resistente e brava, inquieta e mobilizada, como sandra, nas coisas rançosas da faced.

— a faced está no consun (conselho universitário) afirmando a autonomia didático-científica e o compromisso com as políticas de inclusão — ainda, mais uma vez, aos pedaços, com fascismos assombrando — neste dia 30 de julho do ano de 2021.

— a atual direção da faced é mobilizada pelas diretoras liliane giordani e aline cunha, e fortemente apoiada por sandra e um coletivo paritário e popular.

— em 2020 sandra esteve com saúde frágil, atuante e muito, nessa campanha para a direção da faced e também para a reitoria da ufrgs.

— as diretoras farão a gestão “composição e diferenças” de 2021 a 2024; nesse mesmo período acontecerão muitas mudanças e reviravoltas na reitoria da ufrgs, estamos sempre na luta contra uma gestão interventora e antidemocrática.

— os princípios e o slogan dessa gestão da faced, e da anterior, de cesar lopes e magali menezes, a “faced em movimento”, faz uma composição de conceitos didaticamente expostos por sandra em seus textos: educação, composição e diferença.

— composições por sonhos, artes, filosofias, vidas em devir, mortes ao que não presta em educação.

— chamei por corazza e tania mara galli na semana passada, quando reclamei a um amigo sobre artigos que remeti à revistas e retornaram com questões a serem preenchidas, esclarecidas ou respondidas.

— corazza está presente, a presença é inquestionável, por isso faz falta.



— ontem, dia 29 de julho, uma grande amiga sonhou com sandra, e relatou a estória após comentarmos que era dia do aniversário dela.

— ontem pedi pistas para avançar na composição deste texto, para sair das lágrimas, para parar de ser besta, não sucumbir, e meus cúmplices foram a paola zordan e o cristiano bedin da costa.

— ontem era dia de seu aniversário e dia da banca de defesa/performance final da dissertação do robson da rosa soares, orientando do máximo adó.

— ontem vinham-me as lágrimas, com a releitura silenciosa do texto de sandra, que ao se materializar em meu aparelho imaginativo, soava, nitidamente, com voz e timbre de corazza.

— lágrimas pelo tempo de cortinas de fumaça, casa em nenhum lugar e burros na sala.

— a atualidade, a força, a intencionalidade, a proporção, a potência, a coragem, do que corazza produziu, e mais um tanto de coisas, produz incessantemente as minhas lágrimas.

— sou grata por ter atualizado nossa história juntas, compartilhamos e habitamos redes potentes para a educação e para a vida, isso é o que importa, acalenta as memórias do coração.

— é um privilégio estar entre colegas geniais, posicionadas, dedicadas, responsáveis com o público e coisa pública, pesquisadoras dedicadas, que são referência para a educação, assim como sandra mara corazza — arrisco em dizer que ela era mais, é!

— grata por sandra ser a CORAZZA para o mundo da pesquisa e da ciência — a CORAZZA da aula cheia, da didática da criação, do eis aice, para uma filosofia do inferno — neste brasil e nesta ufrgs.

## REFERÊNCIAS

- ABDALAH, Samira. *Currículo e didática da diferença: dançário de EIS AICE*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184675?locale-attribute=es>. Acesso em: julho de 2021.
- ADÓ, Máximo Daniel Lamela. *Educação potencial: autocomédia do intelecto*. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69921/000875343.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.
- BANDEIRA, Larisa. *Um modo de ler e escrever na EJA: oficinas biografemáticas*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104491>. Acesso em: julho de 2021.
- CAMPOS, Maria Idalina Krause de. *Alfabeto espiritográfico: escrelaturas em educação*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70246/000875655.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.
- CORAZZA, Sandra Mara. O que faz gaguejar a linguagem da escola. In: CANDAU, Vera Maria. (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 89-103.
- COSTA, Cristiano Bedin da. *Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40475>. Acesso em: julho de 2021.
- COSTA, Gilcilene Dias da. *Trilogia antropofágica [a educação como devoração]*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13498/000649013.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.
- COSTA, Luciano Bedin da. *Ritornelos, takes e tralalás*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14810>. Acesso em: julho de 2021.
- FERRAZ, Wagner. *Corpo a dançar: entre educação e criação de corpos*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106500/000941967.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.

GAI, Daniele Noal. *Ética do brincar*. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131034/000980241.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.

GALLI, Tania Mara (Org). *Imagens do Fora: um arquivo da loucura*. Porto Alegre: Sulinas, 2018.

GRAFF, Patrícia; MEDEIROS, Daniela. *Inclusão escolar: Atendimento Educacional Especializado, expertise e normalização*. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117144234016.pdf>. Acesso em: julho de 2021.

KROTH, Victória J. *Na fluidez das águas: possíveis navegações de uma pedagoga entre Educação, Arte e Saúde Mental*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nSCUyBMg-Rw> Acesso em: julho de 2021.

MATOS, Aline Milena de Castro. *Entre Artesanias da Diferença*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IK-Mey8Mo4Gg>. Acesso em: julho de 2021.

MEDEIROS, Daniela. *Diferença e subjetividades do corpo: que educação é essa?* Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6994?locale-attribute=es>. Acesso em: julho de 2021.

MIRANDA, Aline Brito. *OCUPAÇÃO: juventudes, literatura e residência na resistência*. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196345/001096320.pdf?sequence=1>. Acesso em: julho de 2021.

PACHECO, Eduardo. *Por uma (des)educação musical*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72124/000882121.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.

RODRIGUES, Elisandro; GAI, Daniele Noal. *Atendimento educacional especializado e atelier pedagógico (entre deficiência potencial e arte potencial)*. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/117>. Acesso em: julho de 2021.

SOUZA, Anderson Luiz. *Dezenhar e tecer*: caosturas na arte e seu ensino. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223055/001127577.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: julho de 2021.

WISCH, Tásia Fernanda. *Aprendizagem docente*: o conhecimento compartilhado sobre inclusão e a formação continuada no ensino fundamental. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7097>. Acesso em: julho de 2021.

ZORDAN, Paola. *Gaia Educação*: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.